



A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM DIDÁTICA PARA LEITURA DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Adriano Ribeiro Neri ¹

RESUMO

A fotografia tem se consolidado como uma linguagem didática e uma ferramenta pedagógica eficaz no ensino de Geografia, ao possibilitar novas formas de olhar, interpretar e comunicar o espaço geográfico. Este artigo tem como objetivo analisar e interpretar a paisagem marajoara a partir de fotografias produzidas por estudantes do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Magalhães Barata, em Chaves-PA, buscando compreender como o uso da linguagem fotográfica nas aulas de Geografia contribui para a sensibilização e identificação dos alunos em relação às dinâmicas do espaço vivido. Por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento, neste primeiro momento são analisadas fotografias de autoria do pesquisador e de fotógrafos locais, como ponto de partida para refletir sobre as formas de representação e produção do espaço geográfico marajoara. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada na pesquisa-ação, unida aos princípios da Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, que valoriza a articulação entre os conhecimentos prévios e os novos saberes. As atividades envolvem oficinas de fotografia, registros e análises do espaço local, além de rodas de diálogo e produções coletivas. Os resultados preliminares revelam que o espaço geográfico de Chaves-PA é constituído por múltiplas dimensões naturais, culturais, econômicas e simbólicas nas quais o urbano e o rural se entrelaçam em um processo contínuo de transformação. Conclui-se que a fotografia, enquanto linguagem didática, favorece a observação, a sensibilização e a análise crítica da realidade, fortalecendo uma Educação Geográfica crítica e contextualizada à Amazônia marajoara.

Palavras-chave: Fotografia, Ensino de Geografia, Paisagem, Educação Geográfica, Marajó.

ABSTRACT

Photography has established itself as an effective didactic language and pedagogical tool in the teaching of geography, enabling new ways of viewing, interpreting, and communicating geographical space. This article aims to analyze and interpret the Marajoara landscape based on photographs produced by 9th-grade students at the Magalhães Barata Municipal Elementary School in Chaves, PA, seeking to understand how the use of photographic language in geography classes contributes to students' awareness and identification with the dynamics of the space they inhabit. As this is an ongoing research project, photographs taken by the researcher and local photographers are analyzed at this initial stage as a starting point for reflecting on the forms of representation and production of the Marajoara geographical space. The research adopts a qualitative, exploratory approach based on action research, combined with the principles of Ausubel's Meaningful Learning Theory, which values the articulation between prior knowledge and new knowledge. The activities involve photography workshops, recording and analysis of the local space, as well as discussion groups and collective productions. Preliminary results reveal that the geographical space of Chaves-PA is constituted by multiple natural, cultural, economic, and symbolic dimensions in which the urban and rural intertwine in a continuous process of transformation. It is concluded that photography, as a didactic language, encourages observation,

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Amapá - AP, adrianonery7@gmail.com; Especialista em Ensino de Geografia – UFPA; Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade – UFPA.



awareness, and critical analysis of reality, strengthening critical and contextualized geographic education in the Marajoara Amazon region.

Keywords: Photography, Geography Teaching, Landscape, Geographic Education, Marajó.

INTRODUÇÃO

A fotografia tem se consolidado como uma ferramenta e linguagem eficaz quando aplicada no ensino de Geografia. Como ferramenta/linguagem nos apresenta uma forma de olhar e comunicar sobre o espaço geográfico que, se trabalhada de maneira participativa, promovendo uma produção de conhecimento mais democrática, problematizadora e contextualizada à realidade dos estudantes. Em um mundo visual e conectado, com facilidades de acesso a dispositivos de registro de imagens pelos jovens, esses tornam-se produtores de imagens de suas vivências que, se forem de forma direcionada, inseridas nos conteúdos de Geografia, oferecem uma diversidade de leituras da paisagem e possibilidades de análise do espaço geográfico, promovendo, assim, processos de aprendizagem mais significativos.

A presente pesquisa justifica-se pela sua relevância social e científica. Do ponto de vista social, busca desenvolver a sensibilidade visual e a leitura crítica da paisagem entre os alunos do 9º ano da Escola Municipal Magalhães Barata, em Chaves (PA), estimulando a reflexão sobre os processos geográficos locais e a relação entre o homem e o meio. Essa proposta contribui para uma formação cidadã mais consciente, crítica e engajada com as questões presentes no espaço que afetam a comunidade.

No campo científico, o estudo amplia as discussões sobre o uso de metodologias visuais no ensino de Geografia, ao integrar práticas de observação, análise e diálogo crítico aos conteúdos escolares. Tal abordagem favorece a compreensão de conceitos geográficos a partir de experiências concretas, fortalecendo a perspectiva da Geografia Crítica e abrindo caminhos para práticas pedagógicas ativas e contextualizadas. Além disso, ao valorizar o protagonismo discente e o uso criativo de ferramentas imagéticas, a pesquisa contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação da realidade socioespacial, alinhadas à formação integral dos estudantes.

Nessa pesquisa, cujo título é “A fotografia como linguagem didática para leitura da paisagem no ensino de Geografia” tratamos do uso da fotografia como ferramenta e linguagem no ensino de geografia em uma escola localizada na Amazônia Marajoara. São objetivos do estudo: analisar/interpretar a paisagem marajoara a partir de fotografias/imagens produzidas por estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Magalhães Barata, localizada no município de Chaves, estado do Pará, acerca de suas vivências cotidianas e



compreender se essa maneira de uso da linguagem fotográfica nas aulas de Geografia contribui para uma melhor identificação e sensibilização dos estudantes em relação às dinâmicas do espaço em que vivem.

Entretanto, como se trata de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, neste estágio inicial, serão apresentadas fotografias de minha autoria, juntamente com registros produzidos por fotógrafos do município em questão. O propósito é, por meio desses diferentes olhares, evidenciar as formas de representação e de produção do espaço geográfico local. Esse movimento constitui um ponto de partida analítico, que será posteriormente aprofundado com as imagens capturadas pelos estudantes durante a pesquisa.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada na pesquisa-ação, a qual possibilita a participação ativa dos sujeitos e a construção coletiva do conhecimento. Apoiar-se nos princípios da Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, segundo a qual novas informações se articulam aos conhecimentos prévios dos alunos, promovendo aprendizagens contextualizadas e duradouras (MOREIRA, 2011). As atividades incluem momentos de sensibilização sobre o conceito de paisagem, aulas dialogadas, oficinas de fotografia com dispositivos móveis, registros e análises do espaço local, além da produção de painéis e rodas de debate. O estudo tem como locus a Escola Municipal de Ensino Fundamental Magalhães Barata, em Chaves-PA, e envolve a equipe pedagógica e os alunos do 9º ano, público escolhido por representar uma etapa importante de consolidação da leitura crítica da realidade local e da integração entre saberes escolares e saberes do território.

As análises realizadas a partir das fotografias produzidas nesse primeiro momento durante a pesquisa revelaram que o espaço geográfico marajoara se manifesta como resultado das interações entre natureza, cultura, trabalho e vivências. As imagens evidenciaram práticas cotidianas que expressam a produção e a reprodução do espaço, como o manejo do búfalo, a organização das moradias ribeirinhas, o uso coletivo dos espaços urbanos e as vivências que integram o homem à paisagem. Essas representações fotográficas mostraram que o território de Chaves-PA é constituído por múltiplas dimensões econômicas, simbólicas e afetivas, onde o urbano e o rural se entrelaçam em processos contínuos de transformação e pertencimento.

Assim, através do registro fotográfico de paisagens urbanas e rurais do município de Chaves, localizado na Ilha do Marajó (PA), observa-se a convivência entre tradição e transformação no cotidiano das comunidades locais. As imagens revelam desde o modo de vida ribeirinho e o trabalho com a pecuária bubalina nos campos naturais até o processo de urbanização marcado por novas construções e permanências culturais no habitar a paisagem. Essa dualidade expressa uma identidade territorial em construção, onde o novo e o tradicional



coexistem de forma dinâmica. Assim, a fotografia é compreendida nesta pesquisa como instrumento de observação, sensibilização e análise crítica da realidade, favorecendo a integração entre espaço, cultura e sociedade. A adoção dessa linguagem no ensino de Geografia busca promover uma aprendizagem significativa, ampliando o olhar dos estudantes sobre o espaço vivido e fortalecendo uma Educação Geográfica crítica e contextualizada à Amazônia marajoara.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada na pesquisa-ação como estratégia metodológica. Esse método permite a participação ativa dos sujeitos no processo de investigação, favorecendo a construção coletiva de conhecimentos.

Sobre a pesquisa-ação:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1994, p.14).

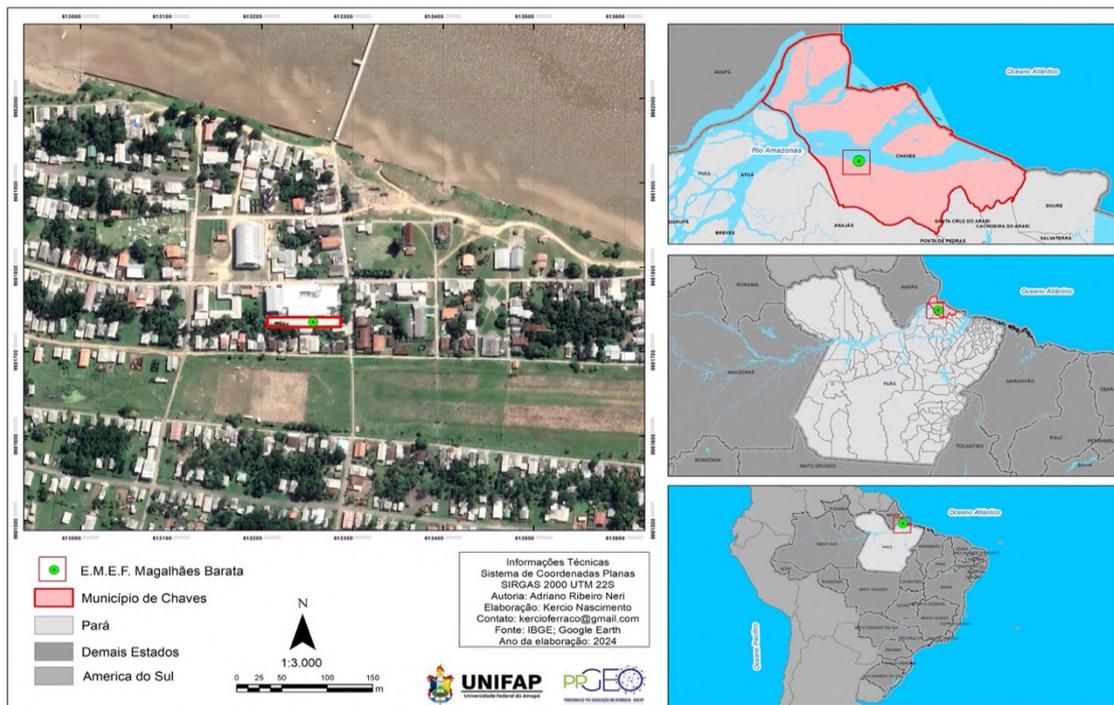
A pesquisa se apoia também nos princípios da Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, a qual valoriza a relação entre os conhecimentos prévios dos alunos e os novos conteúdos, possibilitando aprendizagens contextualizadas e duradouras. Sobre a Aprendizagem Significativa, Moreira (2011), destaca que a aprendizagem significativa ocorre quando novas informações se conectam de forma substancial aos conhecimentos prévios do aluno, promovendo uma compreensão profunda e não mecânica.

As atividades previstas incluem momentos de sensibilização sobre o conceito de paisagem, aulas dialogadas com análise de imagens, oficinas de fotografia com dispositivos móveis, registros e análises do espaço local, construção de painéis fotográficos e rodas de debate. Os recursos envolverão celulares, projetores, materiais para exposições e plataformas digitais colaborativas.

A pesquisa tem como *locus* a Escola M.E.F Magalhães Barata, apresentada na figura 1, localizada no município de Chaves-PA, e conta com a parceria da equipe pedagógica e com a participação ativa dos alunos. Os sujeitos participantes da investigação são os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A escolha desse público justifica-se pela necessidade de promover práticas educativas que favoreçam uma leitura crítica da realidade local, integrando os saberes escolares aos saberes do território em que vivem.



Figura 1: Mapa de Localização da Escola



Fonte: IBGE; Google Earth 2024.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo do tempo, a fotografia consolidou-se como uma linguagem capaz de influenciar profundamente a forma como percebemos e representamos o mundo. Mais do que um simples instrumento de registro, a câmera passou a atuar como mediadora entre o olhar humano e a realidade, moldando sensibilidades estéticas e construindo novas maneiras de interpretar os espaços. Nesse sentido, a imagem fotográfica não apenas documenta, mas também participa ativamente da produção de significados sobre os territórios e paisagens. É nesse contexto que Sontag (2004, p. 101) destaca que “o papel da câmera no embelezamento do mundo foi tão bem-sucedido que as fotos, mais do que o mundo, tornaram-se o padrão de belo”, evidenciando como a fotografia se tornou um poderoso agente na definição de padrões estéticos e na mediação entre o real e o representado.

Segundo Milton Santos (2002), pode-se compreender que as imagens fotográficas vão além da simples representação do espaço, pois participam ativamente da construção de novas geografias ao refletirem práticas e relações espaciais. Nessa mesma perspectiva, Todorov (2014) destaca que a imagem deve ser compreendida como uma forma de pensamento, assim como a linguagem verbal, constituindo sempre uma reflexão sobre o mundo e sobre os sujeitos que o habitam. Assim, as fotografias articulam, de maneira inseparável, sistemas de objetos e ações, tornando-se um instrumento expressivo e interpretativo da realidade.



A partir dessas interpretações, torna-se essencial compreender o espaço como um processo social, que ultrapassa a noção restrita de superfície física, conforme argumenta Dardel (2011). Nessa mesma direção, Santos (2002) aprofunda essa reflexão ao destacar que, embora o espaço seja composto por objetos, são as ações humanas que lhes conferem sentido e função, e não o inverso. Dessa forma, o espaço deve ser entendido como resultado das práticas sociais e das interações entre sujeitos e território, revelando a constante dinâmica entre materialidade e ação.

"As hierarquias políticas, econômicas, sociais – passíveis de serem representadas em fotografias – também são espaciais, e todo movimento da sociedade produz espaço e, no espaço, encontra os modos de sua reprodução." (PIDNER, SILVA, 2014, p. 4).

Segundo Pidner e Silva (2014), a fotografia vai além de seu apelo estético, podendo ser vivenciada de diversas maneiras. Ela revela significados profundos ligados ao tempo e ao espaço, permitindo enxergar aquilo que normalmente passa despercebido. Nesse sentido, a imagem fotográfica ganha vida própria, expressando sua essência, abrangência e os sentidos que emergem tanto da luz quanto das sombras que a compõem.

Segundo Milton Santos (2002), as imagens fotográficas não apenas representam o espaço, mas criam novas geografias ao refletirem práticas e experiências espaciais. Todorov (2014) complementa, destacando que a imagem, assim como a palavra, é uma forma de pensamento, funcionando como meio de interpretar e expressar a realidade.

De acordo com Dubois (2011), a fotografia deve ser compreendida não apenas como uma imagem estática, mas como um verdadeiro ato icônico, inseparável de suas circunstâncias de produção e dos modos pelos quais é recebida e contemplada. Nessa perspectiva, a imagem funciona como uma mediação entre o ser humano e o mundo, possibilitando tanto a apresentação quanto a representação de realidades visíveis e invisíveis. Como observa Steinke (2014), as imagens operam por meio de códigos que permitem decifrar e interpretar acontecimentos, tornando-se, assim, instrumentos significativos de leitura e tradução da realidade.

Pidner e Silva (2014), questionam se as fotografias, ao representar o espaço geográfico, revelam sua produção e contradições. Para os autores, as imagens vão além da paisagem visível, expressando dinâmicas sociais e históricas, oferecendo uma forma de interpretar o espaço e a sociedade.

Dondis (1997), corrobora que os sentidos espaciais presentes em uma imagem fotográfica podem ser interpretados e analisados a partir de uma perspectiva geográfica, uma vez que a fotografia constitui, essencialmente, uma atividade analítica. Ela parte da complexidade do mundo para selecionar e organizar determinados elementos visuais. Nessa



mesma direção, Shore (2014) ressalta que o fotógrafo impõe uma ordem à cena ao definir o ponto de vista, o enquadramento, o instante da captura e o plano focal, estruturando assim o que, inicialmente, se apresenta como desordem.

Para Fabris (2008), a fotografia atua como instrumento de coesão social, integrando-se à lógica capitalista ao criar um “museu imaginário” acessível às classes dominantes. Nesse contexto, assume valor documental, sendo usada para registrar desigualdades, conflitos, obras públicas e processos de identificação.

Segundo Dante (2014), a fotografia sempre foi valiosa para geógrafos e fitogeógrafos por introduzir um novo modo de registrar a paisagem, capturando a diversidade de fenômenos e possibilitando registros de locais remotos e ângulos privilegiados.

Este autor destaca ainda que,

Com respeito a procedimentos que dão origem a verdadeiras técnicas, a história também realça a função utilitária da “fotografia repetida” no âmbito da pesquisa geográfica, esta técnica auxiliou o conhecimento sobre a evolução das paisagens; evolução esta que podia ser aferida pelos processos testemunhos iconograficamente. Trata-se de sucessivos registros, executados desde os mesmos pontos de vista, para que a fenologia não iluda o olhar-intérprete (DANTE, 2014, p.21).

A paisagem é um elemento central na Geografia, analisada sob as perspectivas natural e humanizada, o que gera discussões conceituais e metodológicas. Segundo Britto e Ferreira (2011), seu estudo permite compreender as interações físicas e sociais, enquanto Nascimento e Steinke (2018) destacam a importância de observar suas múltiplas características e dinâmicas.

Steinke (2014) destaca que, no campo das ciências geográficas, o uso de imagens não representa propriamente uma novidade, uma vez que elas sempre estiveram presentes nas práticas e produções da Geografia. O desafio atual, segundo o autor, consiste em promover uma releitura dessas imagens, desenvolvendo uma alfabetização geográfica voltada para a interpretação crítica e sensível dos conteúdos visuais — processo que ele denomina de leitura “geoimagética”.

Nesse sentido a fotografia se apresenta como uma ferramenta eficaz no ensino de Geografia, pois estimula a aprendizagem por meio da observação e análise da paisagem. Segundo Azevedo, Steinke e Costa Leite (2014), ela ajuda o aluno a construir impressões duradouras e a desenvolver esquemas mentais que facilitam a compreensão das características essenciais dos lugares registrados.

Visto que a nova Base Nacional Comum Curricular (2017) incentiva o professor a utilizar as mídias em seu planejamento pedagógico no intuito de capacitar o alunado a utilizar estes recursos em prol da aprendizagem, tornando-os sujeitos com autonomia e com proficiência no ato de interpretar e produzir conhecimento para que se torne um cidadão.



Segundo Azevedo, Steinke e Costa Leite (2014), ao apresentar uma fotografia aos alunos, é possível observar reações imediatas, o que abre espaço para iniciar reflexões críticas sobre a imagem, seus sentidos, usos e potencialidades tanto dentro quanto fora da sala de aula. Portanto, a fotografia, apesar de não ser um recurso didático obrigatório, é uma aliada da prática e do estudo geográfico tendo em vista “a dificuldade de tornar inteligível uma realidade descrita sem oferecer nenhuma imagem”, visto que,

[...] no ensino de Geografia, a observação não tem como fundamento a criação direta de procedimentos padronizados em relação entre o aluno e o conhecimento, mas sim o papel de exponenciar as possibilidades da avaliação, de como a introdução da fotografia como recurso didático tem sido produtiva ou não durante o ensino. (AZEVEDO; STEINKE; COSTA LEITE, 2014, p. 169)

Nessa perspectiva de interpretação crítica da fotografia vinculada à realidade cotidiana dos alunos, Moreira (1995), ao discutir a teoria de Ausubel, destaca que a aprendizagem torna-se mais eficaz quando se relaciona aos conhecimentos que o estudante já possui. O autor enfatiza que o principal fator determinante do processo de aprendizagem é o conhecimento prévio dos alunos, cabendo ao professor identificá-lo e adaptar suas estratégias pedagógicas a partir dele. Para que novas informações sejam efetivamente compreendidas e assimiladas, é necessário que se conectem a conceitos claros e já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz, atuando como âncoras para a construção de novos significados. Dessa forma, a aprendizagem se desenvolve de maneira mais significativa.

Ribeiro (2013) enfatiza a necessidade de educar o olhar dos educadores diante da constante circulação de imagens, de modo a estimular nos estudantes uma postura crítica e investigativa. O autor salienta que a construção do conhecimento por meio de práticas colaborativas e participativas contribui de forma significativa para a inclusão dos alunos no processo de letramento visual, ampliando suas habilidades de interpretação e compreensão das mensagens veiculadas pelas imagens.

No ensino de Geografia, as imagens exercem um papel fundamental na compreensão das dinâmicas espaciais e das interações entre sociedade e natureza. Assim como os mapas, elas oferecem amplas possibilidades de análise, embora ainda sejam frequentemente subutilizadas no contexto educacional. Rego (2007) ressalta que o trabalho com imagens é tão relevante quanto o uso de mapas, destacando que ambos os recursos costumam receber pouca atenção nas práticas pedagógicas. O autor enfatiza que diferentes tipos de fotografias desde aquelas que retratam paisagens naturais até as que evidenciam intervenções humanas, como construções, plantações, indústrias, favelas ou meios de transporte podem e devem ser interpretadas sob a ótica geográfica, ampliando a leitura crítica do espaço.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

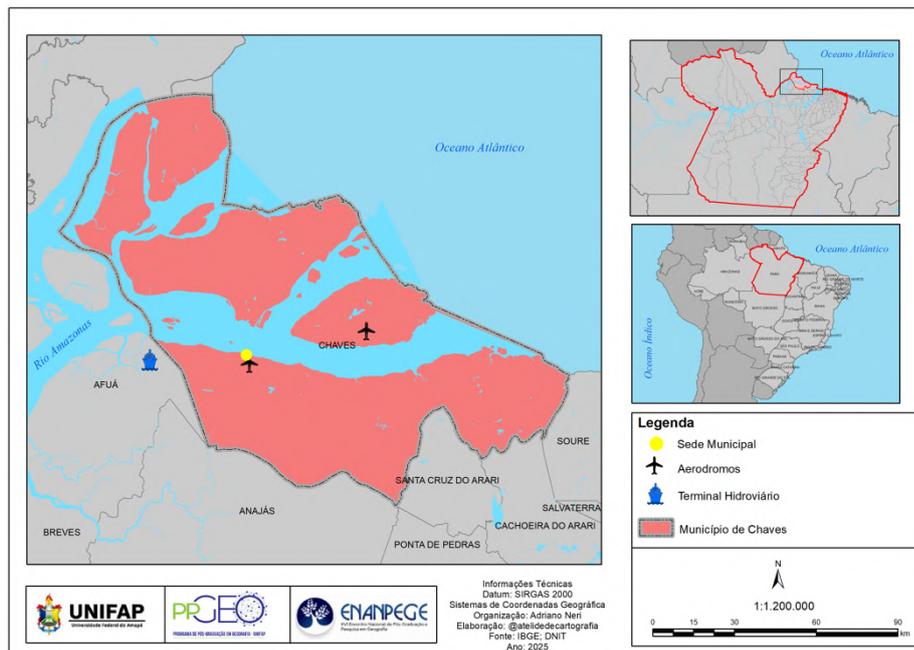
A pesquisa "A fotografia como linguagem didática para leitura da paisagem no ensino de Geografia" está sendo desenvolvida no município de Chaves, no Arquipélago do Marajó, Pará. A escola está inserida em um contexto geográfico único, com paisagens naturais e sociais da Amazônia ribeirinha, como rios, campos, florestas e comunidades tradicionais interagindo com o meio urbano e rural.

O foco central da pesquisa está na produção fotográfica dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a partir de suas vivências e percepções sobre a paisagem marajoara do município de Chaves. Entretanto, por tratar-se de um estudo ainda em desenvolvimento, neste primeiro momento serão apresentadas fotografias de minha autoria, bem como registros de fotógrafos do referido município. A intenção é evidenciar, por meio desses olhares, a representação e a produção do espaço geográfico local, estabelecendo um caminho inicial de análise que será posteriormente aprofundado com as imagens produzidas pelos estudantes.

A análise fotográfica realizada nesta pesquisa possibilitou compreender diferentes dimensões da produção e reprodução do espaço geográfico marajoara, revelando como práticas sociais, elementos naturais e intervenções humanas se articulam na construindo e moldando as paisagens locais. As imagens, ao mesmo tempo em que registram aspectos do cotidiano, funcionam como instrumentos interpretativos, permitindo identificar formas, usos e significados atribuídos ao território pelos sujeitos que o habitam. Assim, esta seção apresenta e discute os principais resultados obtidos a partir da leitura crítica das fotografias, evidenciando como elas expressam dinâmicas socioespaciais, modos de vida e identidades territoriais no contexto marajoara.

Nesse contexto Neri et al. (2024), corroboram que o Marajó não se configura como uma realidade única, mas como um território múltiplo e diverso, resultado da presença de diferentes grupos sociais e identidades. Trata-se de um espaço vivido pelos povos ribeirinhos que mantêm uma relação estreita com rios e igarapés, pelos pescadores e canoeiros que utilizam as águas como vias de deslocamento, e pelas populações agrícolas que cultivam a terra para seu sustento, como os roceiros e extrativistas de açaí. Também se expressa no Marajó dos campos, dos vaqueiros e grandes fazendeiros, bem como no Marajó urbano, presente nas cidades históricas formadas desde o período colonial. Essa pluralidade territorial e espacial, revela a complexidade social e cultural da região.

Figura 2: Mapa de Localização do Município de Chaves-PA



Fonte: IBGE; DNIT. Organização: Adriano Neri, 2025.

O Arquipélago do Marajó, no Pará, é a maior ilha fluviomarinha do mundo, com 49.606 km², e é banhado pelo oceano Atlântico, rio Pará e rio Amazonas. Chaves integra o Marajó Ocidental, região conhecida como Marajó das Florestas pela predominância de matas e rios. Sua paisagem, marcada por praias, igarapés, fazendas e rica biodiversidade, destaca-se pelo potencial turístico e para o desenvolvimento sustentável. Chaves é um lugar de diversidade, onde convivem ribeirinhos, vaqueiros, pescadores e fazendeiros, entre outros, formando uma identidade coletiva rica. A paisagem é moldada por artesãos navais, produtores de artesanato, mulheres autônomas, pescadores e trabalhadores rurais, que juntos contribuem para a economia local e tornam o cenário único e diversificado, é nesse contexto que a fotografia demonstra seu potencial para narrar de forma visual as paisagens que muitas vezes passam despercebidas.

Fotografia 1: Manejo do Búfalo



Fonte: Marcinho Santos (acervo pessoal, 2025).



A fotografia 1 retrata uma cena típica do manejo de búfalos na Ilha Caviana, localizada no município de Chaves-PA, evidenciando uma prática profundamente enraizada no cotidiano local e na organização do espaço rural marajoara. A imagem revela não apenas uma atividade econômica relevante a criação e condução de búfalos, mas também um modo de vida tradicional, marcado pela interação direta entre os trabalhadores, os animais e o ambiente natural. Essa prática integra-se à paisagem cultural marajoara, compondo um cenário que expressa a relação histórica entre sociedade e natureza, onde as extensas áreas de campos naturais favorecem o deslocamento dos rebanhos e o desenvolvimento da pecuária bubalina. Assim, a fotografia funciona como um importante registro da produção e reprodução do espaço geográfico local, articulando elementos econômicos, sociais e simbólicos que caracterizam a região.

De acordo com Santos (2006), a paisagem e a sociedade devem ser compreendidas como dimensões complementares de um mesmo processo, em que o espaço se configura a partir das ações humanas e das funções sociais que nele se materializam. Nessa perspectiva, o manejo do búfalo no Marajó representa uma prática que ultrapassa a dimensão econômica, constituindo-se também como expressão cultural e social. A atividade, enraizada no cotidiano das comunidades locais, revela a interação entre o trabalho, a tradição e a organização do espaço, evidenciando como as relações produtivas moldam a paisagem e reafirmam identidades territoriais.

Fotografia 2: Cotidiano, Ilha Caviana-PA.



Fonte: Fernanda Lobato (acervo pessoal, 2025).

Fotografia 3: Casa Ribeirinha, Rio Cururu



Fonte: Luana Neri (acervo pessoal, 2025).

A fotografia 2 retrata um momento que vai além da cena cotidiana, ela revela práticas socioculturais que sustentam e reforçam a territorialidade ribeirinha. O ato de compartilhar a refeição, em um ambiente marcado pela presença direta da natureza e do trabalho no campo, expressa formas de sociabilidade construídas no interior das relações com o território. Nesse



contexto, o alimento não se limita à dimensão nutricional, mas torna-se elemento de identidade coletiva, articulando práticas econômicas, culturais e afetivas que estruturam o espaço vivido.

Na fotografia 3 a construção sobre estacas e palafita no Rio Cururu, localidade que faz parte do município de Chaves, reflete um conhecimento tradicional acumulado historicamente pelas populações ribeirinhas, que moldam seus modos de habitar em função das oscilações do regime hídrico local. Essa adaptação arquitetônica revela a produção do espaço como um processo contínuo, no qual práticas sociais e condições naturais se articulam. A moradia, nesse caso, materializa estratégias de permanência no território, evidenciando a relação dialógica entre cultura, ambiente e formas de ocupação típicas da paisagem marajoara.

Nesse sentido de acordo com Besse (2014), a paisagem não deve ser entendida como algo externo ou separado da vida cotidiana, mas sim como parte constitutiva da existência humana, na medida em que se integra à identidade dos sujeitos e se torna condição essencial do seu estar no mundo.

Fotografia 4: Praia Miri, Chaves-PA.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Fotografia 5: Homem a Cavalho



Fonte: Autoria Própria (2025).

As duas imagens expressam a paisagem como um espaço de contemplação e experiência sensível, revelando diferentes formas de relação entre o sujeito e o território em Chaves-PA. A primeira imagem traduz um momento de pausa e reflexão diante do espaço vivido. O sujeito que observa a paisagem rural não apenas contempla o espaço físico, mas também o reconhece como parte de sua identidade e memória. A contemplação, nesse contexto, representa um gesto de pertencimento e reconhecimento das relações construídas com a terra, o trabalho e a natureza. O olhar voltado para o horizonte expressa a consciência de um espaço em constante transformação, onde o homem e o ambiente se constroem mutuamente.

Na segunda cena a praia urbana de Chaves, o ato de cavalgar à beira d'água ultrapassa a dimensão do lazer, ele simboliza a continuidade de práticas culturais e afetivas que conectam



o sujeito ao seu território. O contato direto com o mar e o movimento do cavalo revelam uma vivência que integra o humano à natureza, reafirmando a paisagem como espaço de experiência e expressão. Nesse contexto, a contemplação não é apenas visual, mas sensorial e simbólica, uma forma de habitar e sentir o espaço, é o ato de habitar a paisagem, típica das relações entre sociedade e natureza no cotidiano marajoara.

Pois, Segundo Fernandez (2019), o ato de habitar a paisagem se apresenta como um caminho para compreender a inserção na fotografia, constituindo-se também como uma forma de buscar a geograficidade, entendida enquanto criação e expressão do conhecimento, na qual o ato de contemplar a paisagem emerge como parte essencial da experiência sensível do espaço vivido, permitindo ao sujeito estabelecer vínculos afetivos, simbólicos e cognitivos com o lugar que habita e representa.

Fotografia 6: Espaço Urbano, Chaves-PA



Fonte: Autoria Própria (2025).

Fotografia 7: Espaço Rural, Chaves-PA



Fonte: Autoria Própria (2024).

As fotografias 6 e 7 dialogam entre si ao revelarem a transformação e a fluidez do espaço em uma cidade de caráter semiurbano, como Chaves-PA. Elas expressam a coexistência entre formas modernas e tradicionais de uso do território, evidenciando um processo de transição em que o urbano ainda conserva traços e práticas do rural. A primeira imagem, ao apresentar uma área mais consolidada em infraestrutura e circulação, sugere um espaço em processo de urbanização e crescimento, enquanto a segunda evidencia o prolongamento desse mesmo espaço, onde as condições naturais e o cotidiano mais simples ainda predominam. Juntas, as fotografias revelam que o espaço chaviense não se estrutura em rupturas, mas em camadas de continuidade, nas quais o rural e o urbano se complementam e se redefinem mutuamente. Essa sobreposição de vivências e experiências traduz a dinâmica da produção e reprodução do espaço geográfico local, um espaço híbrido, que mantém vínculos identitários mesmo em meio às transformações como muitas cidades do Marajó.



Nessa perspectiva Oliveira (2006) ressalta que as pequenas cidades amazônicas devem ser compreendidas não apenas pela sua relevância econômica ou política, mas, sobretudo, porque nelas se manifestam modos de vida distintos do padrão dos centros urbano. Nesses espaços, o urbano se mistura com o rural, criando formas próprias de sociabilidade e de organização territorial. Essa singularidade se materializa no processo de modificação e produção da paisagem.

Fotografia 8: Espaço de Lazer e Trânsito



Fonte: Autoria Própria (2025).

A fotografia 8 expressa a dinâmica viva dos espaços urbanos em pequenas cidades, onde as fronteiras entre o funcional e o simbólico se entrelaçam. O mesmo local que serve ao trânsito cotidiano da cidade também se converte em um espaço de convivência, marcado pelas brincadeiras das crianças e pela presença da escola como referência social e afetiva ao lado. Essa sobreposição de usos demonstra como o espaço urbano, em contextos amazônicos, é constantemente ressignificado pelas práticas sociais, revelando um modo de viver em que o lazer, o movimento e os processos educativos urbanos coexistem no mesmo território. Trata-se, portanto, de um espaço que não se define apenas por sua forma, mas pela multiplicidade de experiências que nele se realizam.

Conforme destacam Santos e Santos (2021), a paisagem não deve ser analisada de forma isolada, pois é a expressão visível e material do espaço geográfico. Nesse sentido, todos produzimos paisagens, cuja função se transforma de acordo com os usos e práticas sociais, ainda que a materialidade aparente permaneça a mesma. A observação das paisagens culturais, portanto, permite compreender como essas mudanças influenciam a vida em sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de imagens empíricas que retratam o cotidiano da zona rural e urbana do município de Chaves, situado na ilha do Marajó, no estado do Pará, pode-se observar uma realidade marcada pela convivência entre tradição e transformação. Na zona rural, observam-se elementos como a típica casa marajoara construída sobre palafitas às margens dos rios, cercada pela vegetação de açazais, e a criação de búfalos nos extensos campos naturais, atividades que refletem a adaptação das comunidades às dinâmicas ambientais e econômicas locais. A presença dos vaqueiros conduzindo as manadas, em meio à vastidão da planície verde, simboliza a forte relação entre o trabalho humano e o meio natural, compondo uma paisagem harmônica e ancestral.

Na zona urbana, percebe-se uma cidade em processo de crescimento, com novas construções, praças reformadas, espaços públicos organizados e com a circulação de automóveis. Contudo, a preservação de elementos típicos da paisagem rural, como ruas de terra batida, vegetação espontânea e a forte vida comunitária, evidencia uma identidade em construção, onde o novo e o tradicional coexistem de forma viva e singular. As casas simples, a circulação de bicicletas, o comércio local e as brincadeiras de crianças nas ruas reforçam a continuidade dos laços comunitários e culturais, mesmo diante das transformações urbanas.

A fotografia revela-se uma ferramenta potente para registrar, sensibilizar e provocar reflexões sobre as paisagens do território de Chaves, ampliando o olhar crítico para as relações entre espaço, cultura e sociedade. Nesse sentido, é fundamental que o docente adote metodologias que integrem o uso da imagem, estimulando a percepção sensível e a análise aprofundada da realidade. A prática da fotografia educativa, portanto, enriquece o ensino-aprendizagem e contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e transformadores de seu meio. Atualmente em fase de aplicação metodológica, a pesquisa enfrenta desafios como a formação docente e limitações tecnológicas. Contudo, as oficinas previstas pretendem valorizar o olhar para a paisagem local e estimular a percepção crítica do espaço geográfico, contribuindo para uma Educação Geográfica mais significativa e para a formação de sujeitos conscientes e atuantes, especialmente no contexto da Amazônia marajoara.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. M.; STEINKE, V. A.; COSTA LEITE, C. M. A fotografia como recurso lúdico para o ensino de Geografia. In: STEINKE, V. A. et al. (org.). Geografia & fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: LAGIM/UnB, 2014. p. 157–184.



BESSE, Jean-Marc. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Tradução de Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. GEOUSP – Espaço e Tempo. São Paulo v.18 n.2 p. 241-252, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRITTO, M.C.; FERREIRA, C.C.M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. Revista de Geografia, Juiz de Fora, v.1, n.2, p. 1-10, 2011.

DANTE, F. R. C. Jr. Aspectos históricos da fotografia e realizações em geografia. In: STEINKE, V. A.; DANTE, F. R. C., BATISTA, E. (orgs.). Geografia & Fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, p. 11-14, 2014.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DO NASCIMENTO, Rafaela Araujo; STEINKE, Valdir Adilson. APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E ICONOGRAFIA NA GEOGRAFIA. **RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 44, p. 21-35. maio 2018.

DONDIS, Donis A. A síntese da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 14. ed. Campinas: Papirus, 2011.

FABRIS, A. (2008). *O circuito social da fotografia: estudo de caso – I*. In: FABRIS, A. (Org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. 2 ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 39-57.

FERNANDEZ, P. S. M. HABITAR UMA PAISAGEM “VELHA”: A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM DA PESQUISA E DO ENSINO DA GEOGRAFIA. Revista Signos Geográficos, [S. l.], v. 1, p. 20, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/61300>. Acesso em: 14 out. 2025.

MOREIRA, Marco Antônio. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. Teorias da aprendizagem. São Paulo: EPU, p. 195, 1995.

NERI, A. R. et al. O conceito de território a partir do uso da linguagem fotográfica: uma proposta didática para o ensino geográfico no Marajó. In: PALHETA, J. M.; SANTOS, L. C. B. (org.). Geografia e territorialidade na Amazônia Paraense. Belém, PA: GAPTA/UFPA, 2024. p. 41-61.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. Ciência e Cultura, v. 58, n. 3, p. 27-29, 2006.

PIDNER, Flora Sousa; SILVA, Maria Auxiliadora da. Fotografias de Sebastião Salgado: grafia, poética e produção do espaço geográfico. Revista Científica Vozes dos Vales, Teófilo Otoni, Ano III, n. 6, 2014. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2014/10/Fotografias-de-Sebastião-Salgado-grafia-poética-e-produção-do-espaço-geográfico.pdf>. Acesso em: 01/02/2025.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, A. Carlos; KAERCHER, Nestor André. Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.



RIBEIRO, Roberto Souza. Geografia e Imagem: a foto-sequência como metodologia participativa no 9º ano do Ensino Fundamental de Geografia. 2013. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Programas de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, SC.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção. 4. ed. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, I. A. V. dos; SANTOS, I. M. V. dos. Paisagem e Geografia: Leituras Fotográficas do ontem e do agora da cidade de Ituiutaba (MG) / Landscape and Geography: Photographic readings of yesterday and now of the city of Ituiutaba (MG). Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 42553–42571, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n4-629. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28904>. Acesso em: 14 out. 2025.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SHORE, Stephen. A natureza das fotografias – uma introdução. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STEINKE, Valdir Adilson. Imagem e Geografia: o protagonismo da "fotogeografia". In: ROSA, Elvio Rodrigues; SILVA, Maria Tereza Carneiro da (org.). Geografia & fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 45–77.

TODOROV, Tzvetan. Goya à sombra das Luzes. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2008